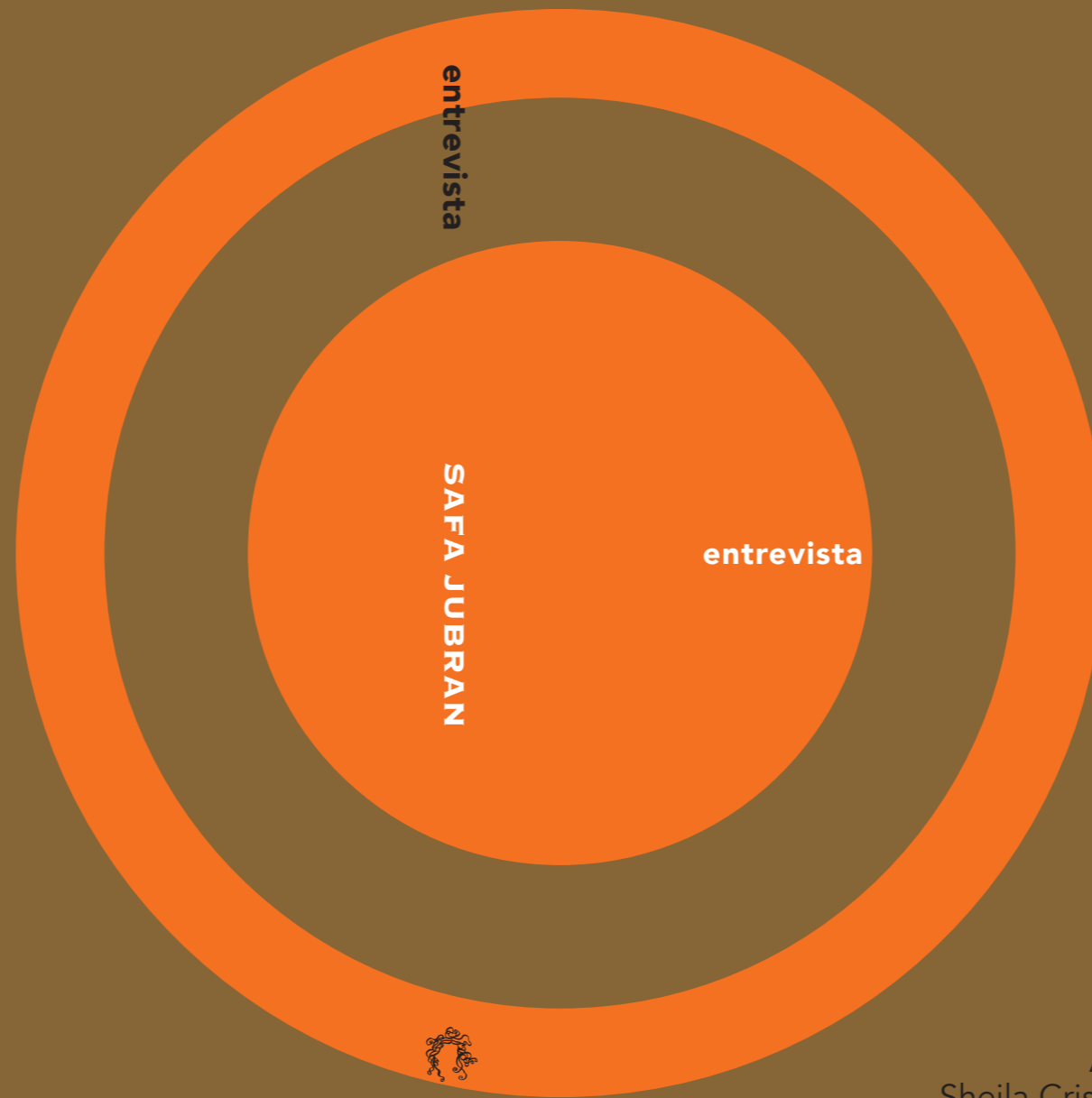




Safa Jubran é professora associada da Universidade de São Paulo, onde leciona língua e literatura árabes. É orientadora do PPG-LETRA (FFLCH-USP), e líder do grupo de pesquisa, Tarjama, registrado no (CNPq/USP). É tradutora literária. Recebeu em 2014 o Prêmio ABL de Tradução e em 2019 o prêmio internacional "Sheikh Hamad Award for Translation and International Understanding". Em 2021, foi jurada do Prêmio Internacional de Ficção Árabe. Em 2022, foi eleita acadêmica da Academia Libanesa-Brasileira de Letras, Artes e Ciências para ocupar a cadeira 35. Entre as obras mais recentes traduzidas por ela estão: *Detalhe Menor*, de Adania Shibli, *O arador das águas*, de Hoda Barakat, *Memória para o esquecimento*, de Mahmud Darwich e *Meu nome é Adam*, de Elias Khoury. Entre as obras traduzidas para o árabe estão *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, *Água viva*, de Clarice Lispector e *Da diáspora à pátria* (uma seleção de autores brasileiros traduzidos para o árabe).



coleção palavra de tradutor



medusa

SAFA JUBRAN

organização

Andréia Guerini
Sheila Cristina dos Santos

Coleção Palavra de Tradutor

A Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina se propõe a dar voz ao tradutor e à tradutora, a fim de que possam expor, nesta coleção de livros, suas realizações e oferecer ao público leitor as concepções teóricas que embasaram seu trabalho prático.







SAFA JUBRAN

ENTREVISTA

medusa

curitiba
2023

Copyright desta edição
© 2023 Medusa

Edição
Ricardo Corona
Eliana Borges

Projeto gráfico
Eliana Borges

Revisão
Melissa Maciel Paiva

ISBN 978-65-86276-39-8

Impresso no Brasil / 1ª. Edição
Foi feito o depósito legal

Editora Medusa
www.editoramedusa.com.br
editoramedusa@hotmail.com
facebook.com/EditoraMedusa

Coordenação da coleção
Andréia Guerini
Dirce Waltrick do Amarante
Karine Simoni
Sérgio Medeiros
Walter Carlos Costa

Comitê editorial
Caetano Galindo (UFPR)
Fábio de Souza Andrade (USP)
Gonzalo Aguilar (UBA)
Henryk Siewierski (UnB)
Kathrin Rosenfield (UFRGS)
Luana Ferreira de Freitas (UFC)
Malcolm McNee (Smith College)
Marco Lucchesi (UFRJ e ABL)
Myriam Ávila (UFMG)
Odile Cisneros (Universidade de Alberta)
Susana Kampff Lages (UFF)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Safa Jubran : entrevistas / organização Andréia Guerini,
Sheila Cristina dos Santos, --
1. ed. -- Curitiba, PR : Medusa, 2023.

ISBN 978-65-86276-39-8

1. Línguas e linguagem 2. Tradução 3. Tradução
e interpretação 4. Tradução e interpretação -
Técnica I. Guerini, Andréia. II. Santos, Sheila
Cristina dos.

23-176382

CDD-418.02

Índices para catálogo sistemático:

1. Tradução e interpretação : Linguística 418.02
Aline Grazielle Benites - - Bibliotecário - CRB-1/3129

coleção palavra de tradutor

ORGANIZAÇÃO

Andréia Guerini
Sheila Cristina dos Santos



SUMÁRIO

- 9 APRESENTAÇÃO
- 13 ENTREVISTA
- 43 EXCERTOS DE TRADUÇÕES
- 67 ENSAIOS
- 81 CRONOLOGIA



APRESENTAÇÃO

Safa Jubran nasceu no Líbano, onde viveu até 1982, quando se transferiu para o Brasil. Dez anos depois, se tornou professora na Universidade de São Paulo (USP), onde até hoje leciona língua e literatura árabe nos cursos de graduação e pós-graduação dessa instituição. Paralelamente às suas atividades acadêmicas, Safa Jubran foi introduzindo livros da cultura árabe no sistema cultural brasileiro, traduzindo diretamente do árabe para o português mais de 20 livros. Também verteu para o árabe o romance *Dois irmãos*, do escritor Milton Hatoum e *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, de Martha Batalha, além de um conjunto de textos em prosa e poesia, parte de uma antologia de autores brasileiros, dentre eles Marco Lucchesi, Michel Sleiman, Milton Hatoum, Raduan Nassar e Marcelo Maluf, intitulada *Da Diáspora à Terra Natal*.

Traduzir do árabe para o português e do português para o árabe serviu para que Safa Jubran mantivesse os laços afetivos com a sua cultura materna. E a sua atividade como tradutora nasceu, como ela relata, de maneira “natural” e “ingênua”, pois inicialmente foi fazendo traduções para fins didáticos até se tornar uma atividade mais consciente e intencional, especialmente quando começa a traduzir literatura árabe para publi-

ção. Embora traduza textos de diferentes gêneros, Safa Jubran tem preferência por traduzir romances, principalmente os contemporâneos.

A tradução para Safa Jubran é um exercício de criação e humildade, pois, segundo ela, não basta conhecer as línguas envolvidas no processo, mas sim a cultura, o assunto etc. Ademais, com o tempo, ela diz ter aprendido a ser “infiel” nas traduções, pois é na “infidelidade” que reside a liberdade para a (re)criação. Sobre essa questão, escreveu um ensaio, reproduzido neste livro, intitulado “É bom ser infiel! É muito bom trair!”. O procedimento da “infidelidade” é usado para dar maior liberdade ao tradutor, que ela considera um coautor, para trazer as belezas do “original” e também para marcar que é um texto traduzido. Aliás, para Safa Jubran a tradução de um texto literário nunca é definitiva, pode sempre ter novas interpretações e possibilidades tradutórias, é “um fazer sem fim”. Além de traduzir, Safa Jubran tem vários artigos nas áreas de Estudos Linguísticos, Estudos Árabes e Estudos da Tradução publicados em revistas acadêmicas. Recebeu em 2014 o prêmio de tradução pela Academia Brasileira de Letras, em 2019 o Prêmio Sheikh Hamad Award for Translation and International Understanding, e em 2023 foi eleita membro da Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes e Ciências (ALB), ocupando a cadeira nº. 35.

Atualmente, trabalha em vários projetos de tradução, com atenção especial aos de literatura contem-

porânea de autoria feminina de várias regiões árabes e também de obras do português para o árabe como as de Clarice Lispector. Safa Jubran também tem colaborado diretamente com a editora Tabla, que é especializada na tradução de livros de autores provenientes do Oriente Médio e do norte da África.





ENTREVISTA





1. Podemos começar com os seus anos de formação: como foi sua experiência na escola e na universidade? Quais foram as suas primeiras leituras? Quais foram os autores e autoras que mais marcaram a sua vida pessoal e acadêmica e que de alguma forma mais influenciaram a sua formação?

Nascida no Líbano, estudei até o ensino médio em um colégio muito bom, na minha cidade que fica no sul do país. Cheguei ao Brasil em dezembro de 1982 e no ano seguinte já comecei a me preparar para fazer faculdade. Estudei sozinha a língua portuguesa e depois fiz cursinho, passei nas provas do supletivo, em 1984 e depois no vestibular de 1985 e entrei na USP em 1986. As primeiras leituras foram em árabe e em inglês. Lembro-me de que aos catorze anos eu já tinha lido a obra completa de Gibran Khalil Gibran e no colégio, onde a segunda língua era o inglês, líamos Shakespeare e Edgar Allan Poe. Já no Brasil, ávida por ler na língua recém-apreendida e, pelo fato de ingressar na faculdade, minhas primeiras leituras eram as sugeridas nos cursos: Machado de Assis, João Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade. Lembro-me de que decorava os poemas e recitava em voz alta no caminho à faculdade. Lembro-me de ter sempre comigo na mochila, o livro *Pauliceia desvairada*, de Mário de Andrade. Durante os anos dedicados ao mestrado e doutorado minhas leituras foram em grande parte de obras linguísticas. No entanto

sempre reservava tempo para literatura e nessa época mesmo comecei a fazer pequenas traduções para fins didáticos, por necessidade enquanto professora de língua e literatura árabe numa época em que as traduções do árabe eram raras, para não dizer inexistentes, principalmente as diretas. Por força da profissão, das pesquisas e das atividades de extensão, a literatura árabe esteve sempre presente na minha vida. Anos depois, compreendi que o meu apego inicial a essa literatura nos primeiros anos no Brasil, iniciando a formação da minha carreira acadêmica, foi uma forma, talvez inconsciente, de não cortar os laços. Mas adiante, essa minha escolha foi consciente e intencional, quando comecei a traduzir literatura árabe para ser publicada.

Quanto às influências, ousou dizer que eram (são) obras mais do que autores que marcaram (marcam) minha vida e trajetória, como *A metamorfose*, de Franz Kafka, *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, *Vidas secas* de Graciliano Ramos e *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar e *Tempo de migrar para o norte*, de Tayeb Salih, no entanto não vou deixar de citar alguns nomes que me tocaram e me tocam de formas distintas, como o poeta Mahmud Darwich e o escritor Elias Khoury (ambos com obras traduzidas para o português). Ler Fernando Pessoa e Clarice Lispector me abala e me faz refletir mais e sentir mais, e isso independe da língua em que os leio, seja em português, inglês ou árabe e os livros de Milton Hatoum são um oásis. Gosto de seu estilo, gosto como chacoalha o lei-

tor e em seguida o abraça. *Relato de um certo oriente* e *Dois irmãos* são dois textos que eu revisito sempre.

2. Ao longo da sua experiência profissional, você traduziu 24 (dois ainda no prelo) livros. Como e quando você iniciou a sua trajetória de tradutora? Como se deu o seu encontro com a tradução? Você acredita que o fato de ter sido bem-sucedida nas primeiras traduções abriu portas para as que se sucederam?

Por ocasião de uma participação numa mesa sobre tradução, tive que fazer um levantamento das obras que traduzi, e classificá-las em gênero ou tipo. Confesso que não tinha uma ideia do número, pois nunca me preocupei com esse mapeamento, mas descobri que já passam de 20, incluindo os textos clássicos e uma gramática. Além de tradução de poesia e de excertos de romances em publicações acadêmicas. O início foi consequência de uma ingenuidade. Aceitei a proposta da Ana Afonso-Goldfarb, professora e pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para traduzir um manuscrito alquímico do século IX, em uma cópia do século XIII, que ela tinha encontrado na Biblioteca do Escorial, na Espanha e que lhe parecia servir a seus estudos na área da História da Ciência. Aceitei com a arrogância dos ignorantes, achando que só por ser o árabe minha língua nativa, conseguiria dar conta de qualquer texto. Essa primeira experiência me ensinou muita coisa, a principal é ser humilde diante de

qualquer texto. A tradução desse manuscrito junto aos estudos foi publicada sob o título *Livro do tesouro de Alexandre*. A primeira tradução literária que fiz foi de um romance de 1967, intitulado *Miramar*, de Naguib Mahfuz, o prêmio Nobel de Literatura de 1988, conhecido como um dos primeiros romancistas contemporâneos árabes. Imagino que foi essa tradução que abriu o caminho para todas as outras, pois comecei a ser consultada por editores que queriam traduzir literatura árabe contemporânea. O segundo romance foi *Tempo de migrar para o norte*, de 1966, texto que inaugura e marca a literatura pós-colonial árabe, do escritor sudanês Tayeb Salih, e que ganhou uma nova reedição para o clube de livros TAG, sob a curadoria de Milton Hatoum.

A partir disso, comecei a enxergar a tradução de literatura árabe, que corria em paralelo à carreira acadêmica, como uma oportunidade de apresentar a ficção árabe contemporânea ao leitor brasileiro. Meus colegas na universidade já trabalhavam com outros tipos e gêneros, como Mamede Mustafá Jarouche que se dedicava à tradução de textos clássicos, como *As mil e uma noites*; Michel Sleiman, à poesia, seja a clássica ou a moderna e Miguel Attie, que traduzia os filósofos de língua árabe, e assim, me vi sendo “destinada” à tradução da ficção contemporânea. As editoras chegavam até mim sempre que tinham um livro de literatura árabe contemporânea. Mas também traduzi outros gêneros, como a obra intitulada *Hierarquia dos povos*,

escrita por Saíd Alandalusi, do século XI. Trata-se de uma pequena porém valiosa história das ciências, a primeira escrita em língua árabe, fonte imprescindível para o estudo da ciência antiga e medieval. Essa tradução foi uma parte do estudo feito e apresentado como tese de livre-docência, que depois foi publicado em livro. Outro texto clássico que traduzi foi o de Aljahiz que traz anedotas e histórias sobre ávaros; foi publicado eletronicamente sob o título *Os miseráveis*, dentro do projeto *Literatura Livre*, promovido pelo Sesc. Nessa obra, Aljahiz, autor do século IX, ridiculariza certos comportamentos e indica a generosidade como uma das principais virtudes da mentalidade muçulmana da sociedade árabe medieval. O texto traduzido foi uma seleção a partir do texto original que trabalhei em sua adaptação, antes de traduzi-lo.

3. Qual é, ou quais são, seus gêneros de escrita, autores(as) ou língua preferidos(as) (árabe-português ou português-árabe)? Por que motivos?

Embora não recuse propostas de traduzir outros gêneros, eu prefiro traduzir narrativa e me sinto mais à vontade com o romance, principalmente o contemporâneo, para o qual as oportunidades acabaram me levando e onde acabei gostando de estar. Quanto à tradução do árabe para o português, há muitos autores que gostaria de traduzir e devo lembrar aqui que estamos falando de uma produção anual gigantesca,

afinal estamos falando de mais de 20 países árabes. Há muitos romances interessantes, inventivos, com temáticas e recursos narrativos bem contemporâneos. Desde que comecei a colaborar com a editora Tabla, que tem um projeto editorial claro e sério de tradução de literatura árabe, acabei sugerindo alguns títulos, movida não tão somente por meu gosto pessoal, mas pela necessidade de termos esses títulos traduzidos, por serem de alguma forma representativos, com o intuito de disponibilizá-los ao leitor brasileiro, abrangendo a maioria dos países árabes. Elias Khoury, mestre na narrativa, é um dos autores que gostaria de traduzir toda sua obra. Eu já tinha traduzido dois livros dele, há um tempo *O porta do sol* e *Yalo*, ambos pela editora Record e estou agora trabalhando na tradução de sua monumental trilogia intitulada *Crianças do gueto*. O primeiro volume dessa trilogia, *Meu nome é Adam*, foi lançado em outubro de 2022 e acabei a tradução do segundo e já está sendo preparado pela editora. Gostaria também de traduzir todos os textos em prosa do poeta Mahmud Darwich; a tradução de um deles já foi lançada, uma obra extremamente bela e triste, *Memória para o esquecimento*. É interessante que Khoury, no primeiro volume de sua trilogia, se refere a essa obra de Darwich, e a outras, quando entremeia sua narrativa com referências bem colocadas e precisas servindo ao enredo e que, ao mesmo tempo, podem ser considerados trechos de uma crítica literária. Ambos os autores, escritor e poeta, trabalham a questão da memória e da história

e da relação desta com a ficção de uma forma eloquentemente bela. Elias Khoury através de seu personagem Adam diz:

Minha vida era uma espécie de presente com o qual eu lidava como se fossem lembranças, como se as coisas só ganhassem sentido no contexto daquele sentimento permanente de que o presente escapa e não pode ser pego, que são apenas experiências que servem para nos levar às profundezas da memória. É uma memória para o esquecimento, como escreveu Mahmud Darwich na sua narrativa pessoal — e quase ficcional — da própria experiência durante o cerco de Beirute em 1982. Contudo, o que o poeta de *Por que você deixou o cavalo sozinho?* não percebeu que seu presente em Beirute era possível apenas porque estava construído no âmbito de uma entidade política e social em processo de fundação e, como tal, apto a se transformar em memória. (2022, p. 218-219).

Darwich, nessa memória citada no romance de Elias, diz sobre a sua saída forçada de Beirute em 1982, após a invasão israelense à cidade:

Silêncio. Pesado feito metal. Éramos três, mas agora nos tornamos um, enquanto o mundo desaba ao nosso redor. É como se estivéssemos aqui zelando por materiais frágeis ao passo que nos preparamos para assimilar a operação de deslocar nossa realidade, em sua totalidade, para o domínio das lembranças que se formam diante de nós. E à medida que nos afastamos, podemos ver nossa transformação em lembranças. Somos essa memória. A partir deste momento, recordaremos uns dos outros como recordamos um mundo distante que desaparece num azul mais azul do que era antes. (2022, p. 73)

Gostaria ainda — e espero conseguir — traduzir mais autoras que sejam, de alguma forma, representativas da literatura contemporânea das várias regiões

árabes. Já comecei a fazer isso e entre as traduzidas até agora, estão Hoda Barakat (uma das vozes mais poderosas da literatura contemporânea do Oriente Médio); Jokha Alharthi, uma escritora Omani, sensível e sagaz, cuja escrita carrega a voz das mulheres na sociedade de seu país oscilando entre a tradição e a modernização, como em *Damas da lua*, e Adania Shibli, dona de uma prosa inquietante e precisa, que em seu romance *Detalhe menor* traz a experiência do apagamento, da desapropriação e da vida palestina sob ocupação israelense, e revela a complexidade de costurar uma narrativa através de fragmentos. Há dois livros, que merecem destaque, um deles, *A família que devorou seus homens*, saiu no início de 2023, da autoria de Dima Wannus, uma jovem escritora síria, que dá voz às mulheres de várias gerações de uma única família, tendo como pano de fundo a violência das guerras e dos conflitos que abalam suas vidas; e o outro, será lançado no segundo semestre de 2023, da autoria de Nawal Saadawi, feminista histórica, a mais importante do século XX, traduzido diretamente do árabe; trata-se de sua obra mais polêmica, em que cria uma narrativa elíptica, em que repete e rearticula os eventos dramáticos continuamente para passar suas mensagens de uma forma inconventional.

No que se refere à tradução do português para o árabe, tanto a motivação como a relação com ela são diferentes. Minha primeira tradução nesse sentido foi *Dois irmãos*, de Milton Hatoum. Foi o próprio Milton

que me pediu e me incentivou. De início, tremi, temi, fiquei insegura. Mas aceitei o desafio e consegui. Foi uma experiência incrível e foi a responsável por eu voltar a ler mais em árabe. No final de 2022, isto é, 22 anos depois, *Dois irmãos* teve uma nova edição por outra editora, para a qual tive a oportunidade de rever várias escolhas tradutórias e de corrigir alguns erros que constavam na primeira edição. Mesmo com essa primeira experiência, nunca considerei seriamente me dedicar à tradução para o árabe. Nos anos posteriores tive várias propostas, algumas eu aceitei, outras não, na maioria das vezes por falta de tempo. Até que em 2018, aceitei a tradução de *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, de Martha Batalha, para uma das editoras mais conhecidas e respeitadas do mundo árabe, Dar Al-Adab. Para essa mesma editora, traduzi no ano passado *Água viva* da Clarice Lispector — considero essa tradução o maior desafio tradutório que enfrentei até agora. O livro saiu em janeiro de 2023 e aguardo ansiosa a sua recepção pelo leitor árabe. Já estou trabalhando na tradução de *Perto do coração selvagem*, o primeiro romance de Lispector, e estou me arriscando numa tradução do espanhol para o árabe de um livro infantil. Em 2022 tive uma experiência interessante também, com a qual aprendi muito; consistia em traduzir 12 histórias em quadrinhos, de seis artistas brasileiros e seis do mundo árabe numa publicação bilíngue intitulada *Eu e o isolamento/Ana wal-Uzla*, cuja temática se referia ao isolamento imposto pela pandemia do

covid-19. Isso somado a uma série de textos selecionados de autores brasileiros publicados em uma antologia que teve o título em árabe *Min almahjar ila alwatan* (Da diáspora à pátria), e que incluía textos de Raduan Nassar, Milton Hatoum, Marcelo Maluf, Michel Sleiman e Marco Lucchesi, que também dele traduzi uma seleção de poemas, publicada sob o título *Céus em chamas*, uma edição bilíngue árabe-português. Assim, eu vejo a tradução para o árabe como oportunidade para escrever e criar em minha língua nativa e continuar em contato com seu desenvolvimento e usos. E aqui vai uma confissão; é também por querer testar meus limites e capacidade de criação em uma língua que não a vivo no dia a dia. Já no que se refere à tradução para o português, além de me colocar diante de distintos desafios, eu a considero, principalmente no momento, como uma “missão”, porém sem nenhuma arrogância, para disponibilizar títulos variados da boa literatura árabe, no entanto sem perder o prazer (e a dor) envolvidos no processo criativo que é a tradução.

4. Há mudanças significativas na forma como você traduzia no início da carreira em comparação a como você traduz hoje?

Sim, é claro. As diferenças são muitas e evidentes se compararmos as primeiras traduções e as mais recentes. No início, eu ficava insegura, preocupada com a escolha que nível da língua adotar, evitando ex-

plorar as possibilidades linguísticas, temendo ser vista como uma pessoa que não dominava a língua portuguesa, como quando optava, por exemplo, pelo uso da segunda e terceira pessoas no mesmo trecho, no intuito de demarcar uma eventual passagem informal no árabe. Eu me sentia também muito presa ao texto árabe, o que me impedia de ser criativa, queria ser extremamente “fiel”! Com o passar do tempo e com as lições aprendidas a cada tradução, fui ficando mais confiante e passei a entender como é bom ser “infiel”. Recordo agora de um artigo que escrevi para o blog da editora Tabla com título “É bom ser infiel! É muito bom trair!”, referindo-me à relativa liberdade na tradução. Em suma, posso dizer que sim, houve mudança significativa, sim, não só com relação à “confiança”, mas também com a tomada de consciência de que cada livro é um mundo novo e estranho, que ao mesmo tempo que me encanta e me seduz, provoca medos e inseguranças, e vejo que cada obra traz seus desafios próprios e até suas exigências para quem a traduz.

5. Você acompanha as discussões no campo teórico da tradução? Ao traduzir, você conscientemente segue ou segue alguma teoria, algum método?

Sempre tive curiosidade pelos estudos da tradução, que em dado momento se transformou em interesse quando passei a ler reflexões em torno dessa arte ao longo do tempo, desde as primeiras, por exem-

plo, a de Dryden (séc. XVII) que propunha três tipos de tradução: metáfrase, paráfrase e imitação; a de Tylter (séc. XVIII) que estabeleceu três princípios: a transcrição completa da ideia da obra original; o dever de manutenção do estilo da obra original e da conservação da naturalidade e, mais tarde, de Schleiermacher (séc. XIX), que discutiu duas possibilidades, uma em que o tradutor acompanha o autor até o leitor, ou o leitor, até o autor; até Lawrence Venuti (séc. XX), que popularizou as expressões “tradução estrangeirizadora” e “tradução domesticadora”, e outros muitos que trabalhavam as mesmas ideias com terminologias diferentes, sem esquecer de Roman Jakobson, que distinguiu entre três possibilidades de tradução (intra lingual, interlingual e intersemiótica), cujas reflexões foram uma das bases para o conceito de recriação na tradução poética de Haroldo de Campos. No entanto, comecei a estudar com mais rigor as discussões no campo teórico durante a orientação dos trabalhos acadêmicos; junto com os orientandos fui conhecendo diversos teóricos e discutindo suas teorias. Não digo que segui ou que sigo conscientemente uma determinada teoria, mas posso garantir que na prática acabo me equipando de aspectos de várias delas. A minha preocupação principal é chegar a um texto que possa portar as belezas do original; tento não domesticar e não abuso da estrangeirização. Optar por usar empréstimos, por exemplo, é uma atitude consciente que tem como pano de fundo uma intenção, digamos, política. Não vejo proble-

ma nenhum em um texto “parecer” traduzido. Ele é um texto traduzido e deve se orgulhar de ser como tal. No entanto, quando uma tradução sai do âmbito das discussões acadêmicas e caminha rumo à publicação, enfrenta as exigências colocadas pelo mercado editorial e, muitas vezes, as teorias acabam ficando pelo caminho, deixando no texto traduzido meros rastros. Entretanto, a meu ver, as discussões acadêmicas e as reflexões teóricas são necessárias e fundamentais, pois, além de induzir à reflexão crítica sobre o texto traduzido, acabam, em termos práticos, definindo e marcando as escolhas tradutórias.

6. Como tradutora de vários gêneros como prosa, poesia, etc., com qual se identifica mais? Qual ou quais impõem mais dificuldade na hora de traduzir?

Como disse antes, eu arrisquei e arrisco traduzir outros gêneros, mas não me considero tradutora de poesia; embora goste de navegar por essas águas, de vez em quando, porque eu acho que há uma poeta tímida dentro de mim, no entanto a prosa é a terra firme onde me sinto mais à vontade, por mais árdua ou intrincada que possa ser. Gosto da prosa poética, onde consigo viajar entre terra e mar, e acho que faço melhor quando traduzo para o árabe. Mesmo assim, traduzi poemas de Mahmud Darwich e de Nizar Qabbani, que foram publicados em revistas acadêmicas e literárias, e mais recentemente participei da tradução de alguns

poemas de jovens poetas palestinos e que saíram numa antologia intitulada *Gaza, terra da poesia*. Para mim, traduzir poesia é mais difícil, talvez por não dominar muito bem as técnicas desse “nadar”. Enfim, creio que por isso também, me identifico mais com a prosa, onde sinto que posso ser mais criativa.

7. Você traduziu o método de ensino de árabe *Gramática do árabe moderno: uma introdução de David Cowan*. Como foi o processo de tradução e no que ele se difere de uma tradução literária?

Pois é, me lembro de que foi por sugestão do meu colega Mamede Jarouche, que levou a ideia à Editora Globo. Foi uma experiência muito diferente, que exigiu de mim o desempenho da professora também. Essa gramática consiste em lições, em forma de capítulos, e ao cabo de cada uma, apresenta-se uma série de exercícios. Nessa tradução-adaptação ao português, precisei obviamente observar o rigor e a precisão da terminologia gramatical adequada e compreensível. A transcrição dos termos árabes em exemplos exigiu um esforço tremendo, pois cada termo, frase ou parágrafo usados para fins de exemplificação, eram grafados em árabe, transcritos em símbolos convencionados a partir de alfabeto latino (com o acréscimo de diacríticos) e traduzidos. Então além da preocupação com a compreensibilidade e com a precisão, houve um esforço na adaptação ao estudante brasileiro, muitas vezes

com inserção de notas de rodapé que julguei – como professora – necessários para auxiliar na assimilação e fixação das informações expostas. Então foi mais um processo trabalhoso do que prazeroso, porém necessário ao mesmo tempo que gratificante.

8. Traduzir um texto literário ou não literário é um exercício que requer não apenas o conhecimento do(a) autor(a), da obra e da língua, como também competências de escrita que possam de algum modo restabelecer o ritmo e o estilo do texto. Poderia falar sobre os principais desafios de tradução já enfrentados na sua carreira, seja por questões de língua, de estilo, ou mesmo de época? Como você costuma resolver as questões de “intraduzibilidade” inerentes às línguas? Em algum momento você se sentiu insatisfeita com o resultado do seu trabalho?

Cada época, cada gênero e cada estilo impõem suas propriedades na tradução, no que diz respeito ao nível de língua, ao rigor na escolha dos vocábulos e dos termos e aos artifícios usados para lidar com a “intraduzibilidade”. Um texto científico exige uma familiaridade maior com o conteúdo e domínio do campo como também de seu léxico específico. Imagino que as partes mais difíceis na tradução de um texto científico sejam a pesquisa envolvida e o rigor na terminologia e na padronização. Se de um lado há a necessidade de o tradutor dominar a linguagem científica, que é obje-

tiva, sem espaço para ambiguidade, do outro, não há nenhuma preocupação com a estética, como em um texto literário, especialmente o poético. Nas traduções de textos clássicos, seja em manuscritos ou já editados, tanto a primeira que fiz, e que era de cunho alquímico, como a segunda que é uma história da ciência medieval, eu cuidei para que o texto não destoasse das características da época, tanto as relativas à linguagem, ou ao estilo. Contudo, ambas as experiências foram ainda diferentes entre si e distintas da terceira que foi um texto literário do séc. IX. Eu sempre digo que, com os textos clássicos, o tradutor não consegue transitar com tanta liberdade e deve ter muito cuidado para não cair na armadilha de interpretações anacrônicas, especialmente porque a língua vigente na época se difere naturalmente e muito da atual, e também o discurso por ela elaborado e isso pode induzir o tradutor a incorrer em equívocos de compreensão e de interpretação. Quanto à questão da "intraduzibilidade", eu entendo que o tradutor literário de poesia encara seu texto de uma forma diferente do tradutor de prosa, e ainda teria atitudes distintas dentro do mesmo gênero, porém pertencentes a épocas, escolas ou movimentos diferentes e cada um pode tentar resolver esse aspecto de formas distintas, que o próprio gênero permite, dentro da métrica e da musicalidade etc. No entanto, posso falar da minha experiência mais recente com textos de prosa contemporânea. Uma das primeiras atitudes é deixar o termo ou a expressão, que se apresenta intraduzível,

transliterado(a), isso, porém exige algum esclarecimento sobre o significado em algum momento ou algum lugar, que se dá em uma nota de rodapé ou em uma nota da tradução ou qualquer outro tipo de paratexto. Aliás, esse aspecto é que mais tira o sono dos tradutores de árabe, tamanha é a riqueza cultural que se expressa de múltiplas formas e em muitos falares. Outro recurso é o interpretativo, mas esse traz um certo perigo: o de deixar o texto “estranho” e o tradutor visível demais e há ainda quem opte pelo apagamento total, aspecto que notamos em muitas traduções do árabe para o inglês, principalmente dos Estados Unidos, que optam pela domesticação total. Em todo caso, é bom ter ciência de que o que parece correr o risco de ser perdido na tradução, é muitas vezes, em algum lugar pode ser ou é recuperado de outra forma em outro lugar do texto. Nas traduções que faço, busco frequentemente recuperar, com criatividade, uma provável perda, motivada pela intraduzibilidade, até porque aqui está um dos maiores desafios de um tradutor. Em suma, vejo que a primeira coisa que é preciso fazer, logo após o texto permitir a entrada do tradutor, é encontrar a voz do narrador/escritor, entender suas peculiaridades, nuances, depois observar o ritmo em que ele se expressa, através de sons e cores, e tentar preservar ou, pelo menos tentar, recriar o estilo adequando-o às características da língua da tradução.

9. O árabe enquanto língua apresenta uma diglos-

sia bem marcante, quais os desafios de deixar tais marcas em português? Já traduziu obras que misturassem os falares de diferentes regiões? Como distinguir em português quando uma obra faz uso do árabe padrão e do árabe regional/dialetal em um mesmo texto?

Uma das características da ficção contemporânea árabe é o uso dos dialetos (quando existem ao lado do que se considera língua padrão). Cada vez mais esses códigos têm sido registrados e sem receio ou preconceito. Esse aspecto está sempre presente nas discussões no grupo de pesquisa TARJAMA* (USP/CNPq), que lidero. Como dar conta disso na tradução? É óbvio que não se pode transformar uma fala dialetal de algum lugar do vasto mundo árabe em uma fala regional do Brasil, pois isso seria no mínimo ridículo. O que se tem feito, e que me parece funciona bem, é utilizar-se de aspectos da língua informal do Brasil. A maioria desses registros ocorre em diálogos. Raramente durante a narrativa, a não ser que o livro tivesse optado por usar o dialeto ao longo do texto, o que é muito raro ainda nas publicações árabes. Mas, voltando aos romances, eu tenho adotado, em termos gerais, o uso da terceira e da segunda pessoa na mesma frase, substituindo os pronomes oblíquos da terceira pessoa pela primeira (vou repreendê-lo; vou repreender ele, ou em vez de "deixe-me fazer", partir para a próclise, ou ainda *deixa eu fazer). Eu tive uma experiência difícil

* Escola de Tradutores de Literatura Árabe Moderna

com o uso dialetal e foi no romance *Damas da Lua*, que traz muitos diálogos e expressões do dialeto do Omã. É interessante ainda observar que o próprio texto em árabe tentou em nota de rodapé explicar o significado de algumas passagens, que não era fácil de compreender, sendo uma realidade cultural com a qual eu não tinha muita familiaridade. Contudo, uma vez compreendido, a tradução serviu-se daquela explicação. Lembro-me que nesse romance, lancei mão de vários recursos para dar conta, ainda que minimamente, na “tradução” dos dialetos. O importante é que o leitor perceba que há uma mudança de registro linguístico do usado na narrativa em geral e nos diálogos. É preciso ainda destacar que sempre existirão casos em que esses recursos não bastarão, daí entra a criatividade do tradutor que vai criando soluções próprias e desenhando saídas convincentes. Entretanto, podemos ainda observar que cada vez mais alguns traços dialetais já estão “se infiltrando” e isso pode facilitar a tarefa do tradutor. Em um dos romances de Elias Khoury, *Porta do sol*, onde o dialeto libanês e o palestino estavam igualmente presentes, eu tive mais dificuldade de diferenciar entre eles e ainda entre a língua padrão. Creio, portanto, que se fosse traduzir esse romance agora, eu usaria provavelmente outros recursos.

10. Como se dá a relação com os(as) revisores(as) e com as editoras? Você costuma revisar suas traduções ou essa tarefa é feita por outra pessoa? Você

tem liberdade para escrever paratextos, como notas, prefácios, posfácios etc. às suas traduções?

A produção de qualquer livro, inclusive o traduzido, passa por várias etapas. Antes, eu era acionada apenas numa etapa final para ver se aprovava o texto antes de seguir para a gráfica, depois de ter passado por muitas mãos, ou para tirar alguma dúvida que um dos profissionais envolvidos não pôde resolver sozinho. Mesmo assim, quando o texto saía publicado, eu notava diferenças da versão que tinha visto. Assim, eu não tinha muito controle sobre o texto final. De um tempo para cá, tenho participado praticamente de todas as etapas, sempre o texto é enviado para mim a cada mexida por um profissional, seja editor, preparador ou revisor. Tenho tido uma relação de diálogo muito boa com os últimos editores com quem trabalhei, muitas vezes tomamos decisões conjuntamente, após um diálogo franco e adulto. A inclusão ou não de paratextos, por exemplo, sempre é decidida junto com o editor, após escutar o argumento do outro. Outras vezes, adotamos sugestões inclusive de tradução, feitas pelos revisores. Aliás, ultimamente não tenho de que reclamar, estou sempre sendo chamada para opinar sobre tudo, inclusive na escolha e composição da capa. Em todo caso, essas práticas se diferem de uma casa editorial para outra. As chamadas pequenas editoras têm sido primorosas na produção e edição dos livros e também em seu contato direto com os tradutores e na relação

de confiança que estabelece entre eles. A meu ver, a relação do tradutor com a editora tem mudado, o tradutor tem participado mais do processo, o que é um ponto muito positivo para o resultado, que será apresentado ao leitor, o juiz final.

11. Poderia comentar sobre os textos que mais marcaram a sua trajetória, os que foram mais difíceis e os mais prazerosos de se traduzir?

Cada texto me marcou de uma forma diferente, enquanto estiver convivendo com um deles, a nossa relação é tensa e intensa. É como uma história de amor, com seu prazer e dor. Não sei dizer se há textos mais fáceis do que outros, penso que cada um traz seus próprios desafios, suas complicações e complexidades. Não me lembro de ter comentado nem sequer comigo mesma “ah, este foi fácil”. Os últimos livros são mais caros para mim, porque de certa forma são indicações minhas, que já tinham me marcado durante a leitura em árabe. *Memória para o esquecimento* foi um texto que me deu muito trabalho e exigiu muita energia até para poder entrar nele, explorá-lo e compreendê-lo em todas as camadas com as quais Mahmud Darwich criou o texto. Foi também doído para mim pois vivi no Líbano o momento descrito e vivido pelo poeta. Outro livro que também mexeu muito comigo e, quando terminei de traduzir, me senti exausta, foi *Yalo*, de Elias Khoury, cujo protagonista tinha minha idade e viveu a mesma

guerra que vivi. Toda vez, eu digo a mim mesma “não pode se envolver tanto com o texto e com seus personagens”, e logo respondo a mim mesma também: “mas como é possível não se envolver, como vou criar este texto em outra língua se não me envolver nele e com ele?”. Tem de se entregar ao texto, tem de se deixar apanhar. Então tem sido assim, cada livro é um universo de vários mundos e conviver com tudo isso não é fácil nem confortável. Traduzir, como dizem, é a busca do impossível.

12. Você atua como professora na graduação e pós-graduação na USP e está à frente do grupo de pesquisa Tarjama. Poderia dizer como é trabalhada a tradução hoje nas aulas da graduação e da pós-graduação em árabe? Que aspectos devem ser considerados durante um curso de tradução literária? Por exemplo, que importância têm, a seu ver, a revisão do texto, o aprofundamento de questões morfosintáticas, a capacidade de leitura crítica do texto?

Todo professor de língua e/ou de literatura estrangeira acaba trabalhando direta ou indiretamente a tradução em suas aulas. Eu sou professora de língua árabe na graduação, e, na pós-graduação, oriento atualmente trabalhos de tradução, mas nunca me propus a “ensinar” tradução, portanto só posso intuir o que se deve considerar durante um curso de tradução. A primeira coisa é deixar bem claro que um texto literá-

rio não tem só uma tradução, ou uma tradução definitiva, é um fazer sem fim, portanto revisar é primordial, ouvir e analisar outras opções é muito enriquecedor e isso que tentamos fazer no grupo de pesquisa TARJAMA. Os participantes se escutam e consideram todas as possibilidades que são colocadas em discussão; analisamos as diferentes opções e as possíveis decorrências de uma ou de outra opção. Como disse, é um fazer sem fim. Quem acaba colocando um limite é a editora, quando a tradução tem como finalidade a publicação. Do contrário, quem traduz nunca consegue colocar um ponto final. No grupo de pesquisa, lemos textos teóricos e discutimos a possibilidade de sua aplicação, mas o TARJAMA é uma oficina também, e por isso valorizamos o “fazer”, com tudo que isso implica em revisão e de aprofundamento de várias questões e onde também aprimoramos nossa leitura crítica dos textos.

13. Ao que parece, os tradutores e tradutoras vêm ganhando espaço e visibilidade cada vez maior nos textos e nas edições. Como você analisa esse fenômeno? Há algo que ainda precisa ser mudado?

Antes de falar sobre a visibilidade no texto, gostaria de insistir em um aspecto que cheguei a mencionar rapidamente em outra resposta e quero repetir: vejo a participação do tradutor no processo que leva seu trabalho à publicação com bons olhos e como algo que traz ganho para o produto. Imagine uma língua como

o árabe, que os editores geralmente não dominam, e muito menos os preparadores e os revisores. Ainda que esses se apoiem às vezes em traduções para outras línguas (quando essas existem), quem vai arbitrar as escolhas e sugestões, quem tem o poder sobre o texto, se não o tradutor que conhece ambas as línguas e seus meandros? Se é assim, e se a tradução começa a ser vista como uma reescrita/recriação em outra língua e para outra cultura, por que ele não pode ser considerado um coautor? Nada mais justo a meu ver. No entanto, quebrar tradições sempre foi a passos lentos, e o mercado editorial não é exceção. Mas sejamos justos, atualmente, mais editoras fazem questão de colocar o nome do tradutor na capa e com certo destaque e isso é um bom começo. Devo ressaltar que não são todas as editoras que fazem isso e a meu ver deveriam. Essa visibilidade merecidamente dada ao tradutor é uma atitude inteligente, pois de certa forma acaba também lhe atribuindo a responsabilidade de “trabalhar” o livro. O que precisa ser mudado é respeitar o tradutor, e isso significa respeitar seu trabalho, sua opinião e deixá-lo cada vez mais participar da produção do livro (caso queira). Todos ganham com isso e faz-se justiça ao trabalho árduo do tradutor, cujo nome até pouco tempo não era sequer mencionado, ou que ficava coberto pelas primeiras páginas e pela capa. Eu acho que tudo começa com os pequenos gestos, os mais simples, que repetidos se tornam hábitos, e quiçá, mais tarde, diretrizes. Por isso, entendo que seja qual for o

fórum, quando falamos de um livro traduzido, devemos mencionar seu autor e também seu tradutor. Muitas vezes eu noto que mesmo acadêmicos, que na maioria das vezes se servem de livros traduzidos, não têm o hábito de fazer isso. Então, simples comportamentos podem mudar o *status quo* para o melhor, quem sabe nas próximas gerações, o tradutor começa de fato a ser considerado coautor, por que não?!

14. Como foi para você receber em 2019 o Prêmio Sheikh Hamad para Tradução e Entendimento [categoria Realização], pelo conjunto da obra traduzida árabe-português? Como enxerga a importância de tal premiação na questão da tradução de literatura árabe no Brasil? Acredita que tenha influenciado ou possa influenciar nas escolhas dessas literaturas pelos editores?

Sinceramente, quando me inscreveram para o prêmio, eu não acreditava que receberia. Desconhecia esse mundo dos prêmios e nunca me ocorreu concorrer a nenhum. Tudo que queria era que a literatura árabe tivesse chance de ser disponibilizada ao leitor brasileiro e que não ficássemos esperando uma guerra eclodir ou uma desordem qualquer se desenvolver no mundo árabe para lançar um livro de literatura árabe. Tudo que sonhava era que a literatura árabe deixasse de ser vista pelo olhar orientalista e que os editores brasileiros parassem de importar o que passa pelo crivo do “norte”

para ser publicado no “sul”, tudo que desejava era que o mercado editorial interessado em literaturas estrangeiras estabelecesse uma rota direta “sul-sul” e que superasse a ingenuidade e a tolice de que as histórias de Chahrazad seriam suficientes para conhecer o mundo árabe, sua gente e sua arte. Ainda lutamos para que a literatura árabe seja lida como literatura, por seu valor estético, não como coadjuvante étnico em estudos sociais. Enfim, se foi coincidência ou não, eu não sei, mas as propostas começaram a aparecer e se multiplicaram logo depois de eu ter recebido o prêmio.

No entanto, não acho que o fato de ter recebido esse prêmio tenha influenciado as escolhas das editoras, mas talvez tenha chamado mais a atenção para a tradução de literatura árabe no Brasil, que era esporádica e agora goza de um cenário muito diferente, basta mencionar que já tem uma editora que se dedica à publicação de literatura árabe, algo inimaginável há alguns anos. Frise-se, porém, que a produção do mercado editorial brasileiro referente aos livros traduzidos de árabe supera muito em número o mercado editorial português.



EXCERTOS DE TRADUÇÕES



Aljahiz Os miseráveis¹

Conta-se que os membros de sua família tinham vontade de comer frutas ou doces e insistiram veementemente que gastasse para isto um único *dirham* que fosse. Ele sempre se desvencilhava do assunto, dizendo:

— Isto é uma desgraça das grandes!

Até que um dia não pôde mais fugir e saiu para comprar o que pediam levando somente um *dirham*. No caminho, deparou-se com um encantador de serpentes que colocou em torno do pescoço uma víbora que parecia pronta para enforcá-lo e percebeu que tudo que ganhou dos espectadores não somava mais que um *dirham*. Nosso homem então disse a si mesmo: — Por Deus, este pobre homem quase se mata para receber um *dirham*, enquanto eu estou prestes a gastá-lo em algo de comer ou beber! Isto só pode ser um sinal de Deus!

Então, voltou para sua casa sem comprar nada, com um *dirham* no bolso, sem dar ouvidos à sua gente, os quais diziam que ele levava, em razão de sua avaréza, uma vida lamentável. Chegaram a desejar sua morte para que ele lhes deixasse em paz, ou qualquer outro jeito que os fizesse viver livres dele.

Quando faleceu, pensaram que descansariam

¹ Excerto da tradução para o português de *Os miseráveis* de Aljahiz, publicado em formato digital – acesso livre Sesc, 2021. Disponível em <https://literaturalivre.sescsp.org.br/ebook/os-miseraveis>.

dele. Alegraram-se, esperando dias melhores. Chegou, então, seu único filho, apoderou-se de todo o dinheiro e da casa e logo inquiriu:

— O que meu pai costumava comer com seu pão? Pois é bom que saibam, a maior corrupção está nos molhos.

— Ele usava como condimento um pedaço de queijo que tinha.

— Tragam-no para mim.

Quando o filho examinou o queijo, notou um risco no meio, como se fosse um pequeno canal entre dois elevados, e indagou:

— Que vala é essa?

— Ele não cortava o queijo, passava o pão por cima, o que formou esse afundamento.

— Foi assim que ele me destruiu então, colocando-me nesta miséria. Se soubesse não teria nem orado por ele.

— E como você faz com o queijo? — perguntaram.

— Eu o ponho longe e aponto para ele com o pão: faço o gesto de longe e me satisfaço com o cheiro.

Tayeb Salih Tempo de migrar para o norte²

Caminhamos juntos, sentia-a ao meu lado como áscua de bronze sob o sol de julho, como uma cidade de segredos e de volúpia. Agradou-me o fato de ela rir com espontaneidade. Há muitas mulheres assim na Europa que não conhecem o medo e recebem a vida com entusiasmo e curiosidade. Eu era o deserto da sede, o labirinto de desejos enlouquecidos. Enquanto bebericávamos o chá, perguntou-me sobre meu país. Contei-lhe histórias fantásticas a respeito de desertos de areias douradas, de selvas onde berravam animais imaginários. Disse-lhe que as ruas de minha cidade eram cheias de elefantes e leões e que os crocodilos passeavam durante a sesta. Ela me ouvia ora acreditando, ora não. Ria, fechava os olhos, as faces enrubesciam. Às vezes se calava, punha-se a escutar atenta e deixava transparecer no olhar uma compaixão cristã. Houve um momento em que, aos olhos dela, eu já me transformara numa criatura primitiva, nua, com uma lança numa mão e um arco na outra, que vivia caçando elefantes e leões nas selvas. Isso era conveniente. A curiosidade converteu-se em alegria e esta em afeto e, quando eu começasse a provocar as águas tranquilas das profundezas, o afeto se transformaria em desejo e sobre suas cordas dedilharia a meu bel-prazer. Perguntou-me:

² Excerto da tradução para o português de *Tempo de migrar para o norte* de Tayeb Salih, publicado pela editora Planeta, 2004.

'Qual é a sua raça? É africano ou asiático?'

'Sou como Otelo, árabo-africano.'

'Sim', fitando-me, 'seu nariz é igual ao dos árabes nas fotografias, mas o cabelo não é tão escuro e liso como o deles.'

'Sim. Este sou eu. Meu rosto é árabe como o deserto do Rubi-lkhali^[1] e minha cabeça é africana, cheia de travessuras malvadas.'

'Você coloca as coisas de uma maneira estranha', comentou, rindo.

Conversamos sobre meus pais. Disse-lhe – e agora, sem mentir – que era órfão e que não tinha família. Em seguida, retomei a mentira, descrevendo-lhe a forma trágica pela qual perdera meus pais, levando-a às lágrimas. Contei que tinha seis anos quando meus pais se afogaram com outras trinta pessoas num barco que atravessava o Nilo de uma margem para outra. Daí, algo muito melhor do que a pena aconteceu, pois a pena é um sentimento com consequências incertas: em vez de demonstrar pesar, seus olhos brilharam, e ela gritou, excitada:

'Nile!'

'Sim, o Nilo.'

'Então vocês moram nas margens do Nilo?'

'Sim, nossa casa fica exatamente nas margens do Nilo. É tão próxima da margem que, quando acordo no meio da noite, basta esticar a mão pela janela para tocar as águas e, quando a retiro, pego no sono de novo.'

Pois é, Mr. Mustafa, o pássaro caiu na armadilha. O Nilo, aquele deus-serpente, conseguiu mais uma vítima e a cidade se transformou numa mulher.

Elias Khoury
Yalo³

Lá na cela, quando se sentou só para escrever toda a história de sua vida, sentiu um vazio sendo escavado ao seu redor. Viu as folhas brancas e as canetas, sentiu saudade do cheiro da tinta no quarto do avô, tentou se apegar ao segredo da lula, que os árabes dão o nome de *habbar* — fazedor de tinta. Entendeu que esse animal marinho foi o primeiro descobridor da escrita, porque escrevia, com a própria tinta, sua autodefesa e sua resistência à morte. Despistava seus inimigos, lançando a tinta em seus rostos e sumia da sua vista na densa negritude, que ele desenhava dentro da água.

Yalo estava sozinho na sua cela, ele precisava secretar sua tinta nas folhas. Era como a lula, cuja única arma era a tinta lançada para despistar os pescadores e se salvar. No entanto, pobre daquele animal marinho quando caía na armadilha dos pescadores, eles o cozinhavam na própria tinta. Yalo pensou que seria cozido na tinta com que escreveria. A tinta preta que se derramava sobre as folhas iria matá-lo e ele era incapaz de despistar o pescador que está esperando suas folhas para embrulhá-lo com elas, mantê-lo e comê-lo. Escreveu e escreveu como um molusco indo à sua morte.

³ Excerto da tradução para o português de *Yalo* de Elias Khoury, publicado pela editora Record, 2012.

Adania Shibli Detalhe Menor⁴

Ele fechou os olhos e estendeu a mão esquerda até o lugar da picada, sentindo-a com cuidado, apalpando com suavidade o morrinho inchado. Moveu a mão direita, marcada agora com linhas fracas devido à mordida da menina, para baixo, onde parou sobre a coxa dela. Foi então varrido por um abalo forte, que o lançou mais uma vez à tremedeira. Virou todo o corpo, juntando-o ao da menina, pôs sua mão esquerda sobre a barriga dela e passou a direita por baixo de suas costas. Os tremores não cessaram; faziam seu corpo se sacudir, de quando em quando, desde a parte lombar até os pulsos. Seu coração batia com violência no ponto em que seu peito encontrava o dela, cujas curvas agora voltavam a aparecer sob a luz fraca do amanhecer. Momentos depois, ele afastou a mão esquerda para longe da barriga da menina e levou todo o seu corpo para o lado esquerdo dela. Enfiou a mão esquerda por baixo da sua camisa até o seio direito, onde repousou, tomando-lhe a forma. Jogou em seguida o corpo em cima do dela e levantou sua camisa até o pescoço. O calor do corpo dela fez desaparecer, aos poucos, as ondas de calafrio que percorriam o corpo dele.

Com a mão direita cobrindo a boca dela e com a outra agarrada ao seio direito, o rangido das molas

⁴ Excerto da tradução para o português de *Detalhe Menor* de Adania Shibli, publicado pela editora Todavia, 2021.

foi abalando a serenidade do amanhecer; ficou mais nítido, mais intenso, acompanhado pelo latido do cão do lado de fora.

O rangido cessou, mas o latido agudo continuou por mais um longo tempo.

Sua mão direita continuava tapando-lhe a boca, e uma saliva pegajosa se represou entre seus dedos, quando ele abriu os olhos. Devia ter dormido uma meia hora, não mais. Sentiu um tremor nos dedos da mão que cobria a boca da menina, mas que logo desapareceu. O calafrio já havia abandonado seu corpo. Permaneceu na mesma posição sem se mexer, enquanto ela jazia totalmente inerte embaixo dele. Adormeceu novamente.

Não tardou muito a acordar. Suspendeu um pouco a parte superior do corpo e removeu a mão direita dos lábios dela e levou-a ao próprio peito, para sentir a marca deixada por um dos botões da camisa dela. A mão esquerda ainda estava em volta do seio direito. Ela continuava imóvel sob seu peso. Seu seio direito, ainda, na mão dele. Ele apertou a boca dela novamente com a mão direita. A atmosfera foi sendo tomada, afora o rangido da cama e o latido do cão, pela luz do amanhecer, que lentamente espalhava frias réstias pelo lugar.

Hoda Barakat Arador das águas⁵

As partes do meu corpo resplandecem com a angústia do meu desejo por você, como esses vaga-lumes que me fazem companhia, iluminando minhas noites escuras desde que meu lampião se apagou, em razão da minha longa ausência.

Quando éramos pequenos, costumávamos chamá-los de lampiões voadores da noite. Não sabíamos que sua luz fosforescente, tão bonita e azul, nada mais era que o seu órgão sexual cintilando de desejo pela fêmea. Nós não sabíamos que o seu brilho era um gemido queixoso de solidão, por voar com apenas duas asas. Era o apelo para ser resgatado da chama do desejo que espalhava dor nas partes do seu corpo.

Sentado em meu banco de pedra, eu me inclino ligeiramente para seguir o voo dos vaga-lumes para a árvore de alfarroba, que agora está bem a minha frente; mas tudo o que consigo vislumbrar de sua forma é a impressão, no céu lilás, da renda formada por seus ramos.

Pouco a pouco, o número de vaga-lumes aumenta e seu brilho piscante desenha a forma da alfarrobeira cheia dos gritos caóticos dos machos. De onde estou, eu os vejo fervilhar na eletricidade da luxúria, as fibras soltas, luzes que piscam num delírio.

⁵ Excerto da tradução para o português de *Arador das águas* de Hoda Barakat, publicado pela editora Tabla, 2021.

Então, pouco a pouco, o cintilar passa a ser mais regular, adquire um ritmo, pulsa em uma ordem rigorosa. As pequenas luzes se reúnem em um único código secreto, acendendo e apagando harmoniosamente, em um ritmo sem nenhuma falha ou movimento destoante. Ritmo intocado por nenhum movimento desgarrado.

O que poderia ter inventado a chave para esse código, a não ser a inteligência superior do instinto!? É como se os vaga-lumes soubessem que, espalhados, só encontrariam fracasso e acabariam com os membros queimados. Sua sorte reside em atrair, na plenitude do ritmo, as fêmeas para sua orquestra arbórea... com a árvore e a noite tornando-se um único macho, um único desejo... intenso, gritante, compactado.

E eu... Eu sou um, sozinho, me abraso e me apago em vão, numa noite que não se acende comigo, que me deixa, no meu falho e ocioso instinto, totalmente entregue ao meu caos, à minha solidão e à minha insignificância. Atrás da janela, na minha própria árvore. Você vem, você não vem, vem, não vem, vem, não vem; sozinho, na minha árvore.

Mahmud Darwich

Memória para o esquecimento⁶

Eu quero o aroma do café. Nada além do aroma do café. De cada dia, não quero nada além do aroma do café para me manter unido, me erguer, passar de algo que rasteja a um ser ereto, colocar de pé o que me cabe deste amanhecer, para que possamos sair à rua, este dia e eu, à procura de outro lugar.

(...)

Porque o café, a primeira xícara de café é o espelho da mão. E a mão que faz o café revela o espírito de quem o mexe. Assim, o café é a leitura pública do livro aberto da alma. Ele é a vidente que revela os segredos que o dia carregará.

Como posso lavar o aroma do café em minhas células, enquanto as bombas avançam pela fachada da cozinha que fica de frente para o mar, espalhando o cheiro de pólvora e o gosto do nada? Começo a medir o tempo entre duas bombas. Um segundo. Um segundo é mais breve que o tempo entre inspirar e expirar, entre dois batimentos cardíacos.

(...)

O aroma do café é um retorno, um trazer de volta as primeiras coisas, porque descende do local primordial. É uma jornada, iniciada há milhares de anos, que conti-

⁶ Excerto da tradução para o português de *Memória para o esquecimento* de Mahmud Darwich, publicado pela editora Tabla, 2021.

nua recomeçando. O café é um lugar. O café são poros que deixam o dentro vazar para fora. É uma separação que une o que não poderia ser unido senão por seu aroma. É o contrário do desmamar. É um peito que nutre profundamente os homens. Manhã nascida de um gosto amargo, leite da masculinidade. O café é geografia.

Quem é esta que do meu sonho se levanta? Ela realmente falou comigo antes do amanhecer ou eu estava delirando, sonhando enquanto acordava? Só nos encontramos duas vezes. Na primeira vez, ela aprendeu meu nome; na segunda, eu aprendi o dela. Na terceira vez, não nos encontramos. Então por que agora ela me chama de um sonho no qual eu dormia sobre seu joelho? Da primeira vez, eu não disse a ela "eu te amo"; da segunda, ela não me disse "eu te amo". E nunca tomamos café juntos...

(...)

O café não deve ser tomado com afobação. É irmão do tempo e deve ser bebericado com vagar, lentamente. O café é a voz do sabor, o som do aroma. É meditar e mergulhar na alma e nas memórias. O café é um hábito que, além do cigarro, deve ser acompanhado por outro hábito: o jornal.

Elias Khoury Meu nome é Adam⁷

Quando decidi emigrar para Nova York, estava determinado a me esquecer de tudo e decidido a mudar meu nome no momento em que obtivesse a cidadania americana, embora tudo indique que vou morrer antes que isso aconteça. A morte é um direito, e o direito que tenho da morte é minha morte. Não, não estou doente. Não tenho nada que me leve a pensar tão incessantemente na morte. Em geral, são os doentes e os idosos que morrem, e eu não sou nenhum dos dois. Passei dos cinquenta anos e já estou na última volta da vida, como dizem. Minha vontade de viver se arrefeceu por causa de uma mulher que decidiu, num momento de insanidade, me abandonar e abandonar seu amor por mim — e ela estava certa. Ela tinha razão. Temos que abandonar as coisas antes que elas nos abandonem. No entanto, comecei a redescobrir como o desejo se infiltra nas articulações, e não estou falando apenas de sexo, mas de tudo, em especial da sede de vodca e vinho que me varre, de modo que sinto uma dormência nos lábios, e minha caixa torácica estremece logo com o primeiro gole.

Uma renovada voluptuosidade pela vida e uma permanência nas margens da morte: um paradoxo que me confunde, mas sei que a morte será vitoriosa no fim,

⁷ Excerto da tradução para o português de *Meu nome é Adam* de Elias Khoury, publicado pela editora Tabla, 2022.

pois a morte não tem o direito de ser derrotada.

A morte, cujo fantasma vejo diante de mim, não nasce da desesperança. Vivo na pós-desesperança; não estou desanimado nem solitário. Criei meu próprio desalento e dele fiz uma sombra sob a qual me refugio e que me impede de cair na ingenuidade e na futilidade. Quanto à solidão, ela é minha própria escolha: assim que termino o trabalho, volto para o meu quarto e começo a escrever. Minha solidão é minha escrita, e será meu único título. Não consegui escrever o romance que queria, então decidi escrever uma grande metáfora, uma metáfora universal, elaborada por um obscuro poeta árabe que viveu no período omíada e que morreu como morrem os heróis. Depois, e de repente, descobri que metáforas são inúteis. Nova York me ensinou que nada no nosso mundo é original ou autêntico. Tudo é metáfora, ou assim me pareceu! Por que eu deveria escrever mais uma metáfora para acrescentar às metáforas dos outros?

No começo, escrevi a metáfora que escolhi para expressar a história do país de onde vim. Mais tarde, tendo decidido que metáforas eram inúteis, não rasguei o que escrevera, mas retrabalhei parte do material para me permitir recontar as circunstâncias em que a ideia havia nascido e suas razões. Então, no auge da fúria, decidi abandonar por completo a metáfora, parar de escrever o romance e me dedicar a recuperar minha própria história, para que eu pudesse escrever a verdade pura, despojada de todos os símbolos e metá-

foras. Acho que falhei em alcançar esse novo objetivo, mas descobri grande parte do que escapou da minha memória ou afundou nas suas dobras. A memória é um poço que nunca seca: ela aparece e se esconde para que esqueçamos quando não esquecemos, ou para que não esqueçamos quando esquecemos. Não sei!

Dima Wannus

A família que devorou seus homens⁸

Parei de contar os meus sonhos há muito tempo. Não há lugar para eles com os sonhos da minha mãe. Além disso, os sonhos dela não eram mais simples sonhos. A distância entre o sonho e a realidade diminuía a cada manhã, quando acordava e começava a narrar o que sonhara à noite. Passamos a viver na esteira dos seus sonhos, e eu temia que a distância necessária desaparecesse para sempre, que as coisas ficassem confusas entre o sonho e a realidade e eu me perdesse com ela nessa terceira memória que morava conosco.

A memória dos sonhos. No passado, ela se esquecia dos seus sonhos, ou os contava com certa confusão, após perder, ao despertar, uma parte deles. Hoje, minha mãe vive o sonho em cada detalhe e o conta para mim como se fosse algo que aconteceu com ela ontem na rua. Seus sonhos se tornaram mais nítidos do que os nossos dias. Onde está o sonho e onde está a realidade? Minha tia Marianne a visitava na casa da família que as duas perderam. A casa da família, da qual me lembro tão bem, ficou mais evidente nos sonhos da minha mãe. Elas sobem os degraus que separam o andar térreo dos quartos lá em cima e se sentam com a minha avó Helena, que se foi há mais de trinta anos. Lembro-me de como ficou minha mãe na sua partida,

⁸ Excerto da tradução para o português de *A família que devorou seus homens* de Dima Wannus, publicado pela editora Tabla, 2023.

afogada em lágrimas. Eu tinha três ou quatro anos e estava sentada no meio da cama, no quarto dos meus pais. Olhava para as lágrimas da minha mãe sem saber o que fazer. Desde então, não sei como envolvê-la.

Quando minha mãe chora, fico olhando doída. Tento me levantar para abraçá-la, mas meu corpo fica extremamente pesado, sou incapaz de mover minhas mãos, e meus pés ficam presos no chão. Lembro-me dela olhando nos meus olhos por trás das lágrimas e sua voz escoando por entre os lábios, murmurando, intermitente como uma respiração ruidosa: “Minha mãe se foi...”. Eu não conhecia o impacto dessa frase até então. Não sabia o que era partir, não sabia que a gente morre e assim parte. Lembro-me de sentir falta da vó Helena na casa da família passado algum tempo; não havia mais quem colocasse um monte de açúcar no prato marrom grande, comesse e depois lambesse. De vez em quando, abro o saco cheio de fotos. Mergulho nessas fotografias de espessura variada, algumas danificadas, umas coloridas, outras em preto e branco; é um teste de memória. Eu me perco nessas imagens revirando-as entre minhas verdadeiras lembranças e as narradas pela minha mãe, pela minha tia, pela Chaghaf ou pela Ninar.

كلاريس ليسبيكتور

ماء حي¹

بفرح عميق. مثل هللوبيا، هللوبيا، أصرخ، وتندمجُ الهللوبيا بأدكن عواءٍ بشريٍّ صادرٍ عن آلام الانفصال، ولكنها صرخة فرح شيطانيّ. لا أحد يستطيع أن يكبّخي الآن. ما زال بإمكانني التفكير منطقيًّا - لقد درست الرياضيات، وهي جنون المنطق - أما الآن فأريد البلازما، أريد أن أتعدّي مباشرةً من القشيمة. أشعر بشيءٍ من الخوف: الخوف من الاستسلام، تمامًا لأن اللحظة التالية هي المجهول. هل أنا من أصنع اللحظة التالية أم هي تصنع نفسها؟ نحن نصنعها معًا، بتفنسنا وبرشاقة مُصارع الثيران في الحلبة.

أقول لك: إنني أحاول الاستيلاء على البُعد الرابع لهذه اللحظة-الآن، التي لسرعة تبخرها لم تعد موجودة - بحيث أصبحت لحظة جديدة والتي لم تعد موجودة أيضًا. لكل شيءٍ لحظةٌ فيها يكون. أريد أن أتمسك بما يكونه الشيء. تلك اللحظات التي تندفق في الهواء الذي أنتفسه: مثل ألعاب ناريةٍ تنفجر خرساء في الفضاء. أريد امتلاك ذرات الوقت. وأريد التقاط الحاضر الذي بطبيعته هو محظور عليّ: الحاضرُ يهرب مني، والراهن يفتر مني، والراهن هو أنا الدائمة في الآن. في فعل الحب فحسب - عند تجريد المشاعر الشبيهة بنجمة شأفاة- يمكن التقاط اللحظة المجهولة، البرهة الصلبة البلورية، المرتجفة في الفضاء، والحياة هي هذه اللحظة التي لا يمكن سردها، فهي أكبر من الخدث بعينه: عند الحب تضيء جوهرة اللحظة المبهمة في الهواء، سناءً جسدٍ غريبٍ، مادةٌ محسوسةٌ بقشعريرة اللحظات - ويكون الشعور في الوقت عينه غير ماديٍّ وموضوعيٍّ، فيبدو وكأنه يحدث خارج الجسد، يبرق عاليًا، والفرح، الفرح هو مادة الوقت وجوهر اللحظة. وفي اللحظة تكون اللحظة ذاتها. أريد أن أنتقط كإباني وأن أملا الفضاء بالهللوبيا مثل عصفوره، ولن يخبّن غنائي أحدًا، ولكن لا عشقٍ يعاني من الوجد والولع لا تتبعه هللوبيا.

¹ Excerto da tradução para o árabe de Água viva, de Clarice Lispector, p 27-28, da edição com manuscritos e ensaios inéditos, pela Rocco, 2019.

ميلتون حاطوم
شقيقان²

وكان على زانة أن تترك كل شيء: حي مناوس المجاور للمرفأ، الشارع المنخفض المظلل بأشجار المنفا المسنة والمكان الذي كان بالنسبة لها أساسياً مثل بيبلوس طفولتها: البلدة الصغيرة في لبنان؛ تذكرتها بصوت عالي وهي تجول بين غرف البيت المليئة بالغبار إلى أن اختفت في بستان الفناء، حيث كانت أغصان شجرة المطاط تظلل البستان والتخلات المزروعة منذ نصف قرن أو أكثر.

وقرب الشرفة، كان عبير السوسن الأبيض يختلط برائحة ابنتها الأصغر، فتجلس على الأرض تصلي وحدها وتبكي راجية عودة عُمر. قبل هجرها للبيت، رأت زانة طيبي أبيها وزوجها في كوابيس الليلي الأخيرة، شعرت بوجودهما في غرفة النوم. كنت اسمعها تردد أثناء النهار كلمات الكابوس "إنهما يمشان هنا، أبي وحليم جاء الزيارتي، إنهما موجودان في هذا البيت". والويل لمن يشكك في قولها بكلمة أو بحركة أو بنظرة. كانت تتخيل الكنبه الرمادية في الصالة، حيث كان حليم يترك النارجيلة ليعانقها؛ وتذكرت صوت أبيها يتحدث مع البحارين والصيداين في "مناوس هاربور". هنالك على الشرفة، تذكرت أرجوحة التوأم الأصغر الشبكية الحمراء، تذكرت رائحته وجسده الذي كانت تعريه هي بنفسها فوق الأرجوحة حيث كان يختم سهراته المعرودة. "أعرف أنه يوماً سيعود"، هذا ما كانت تقوله لي زانة دون أن تلتفت إلي، وربما لم تكن تشعر بوجودي، وجهها ذلك كم كان جميلاً، وهو الآن كمد متعب. وسمعت نفس الجملة كصلاة مهموسة يوم اختفت في ذلك البيت المهجور. بحثت عنها في كل الزوايا فلم أجدها إلا عند العصر وكانت مرتمية فوق أوراق وأغصان النخلة اليابسة، ذراعها المجبسة وسخة وملطخة بسلح العصافير، وجهها متورم، تنورتها وملابسها التحتية مبللة بالبول.

لم أشاهدها تموت، لم أكن أريد أن أراها تموت. ولكن قبل موتها ببضعة أيام، وهي مضطجة على فراش المستشفى، علمت بأنها رفعت رأسها وأسألت بالعربية كي لا تفهمها إلا ابنتها وصدقتها المسنة (وكي لا تخون نفسها: "هل تصالح ابناي؟"). رددت هذا السؤال بما تبقى لها من قوى، وبشجاعة لا توجد لها إلا أم قلقة ساعة يدهاها الموت.

لم يجيبها أحد. فتلاشى وجهها الذي كاد لا يعرف التجاعيد، ولكنها تمكنت من أن تدير وجهها باحثة عن النافذة الصغيرة الوحيدة في الحائط الرمادي، حيث انمحت قطعة من سماء المغيب.

² Excerto da tradução para o árabe de Dois irmãos, Milton hatoum, p 11-12, Companhia da letras, 2000

رضوان نصّار
حرث قديم

في فسحة ما داخل حرج المزرعة، وفي المساءات الكسولة المملة، كنت أختفي عن نظر العائلة المتخوّف لأخفّف من حرّ قديمي في التراب الرطب مغطياً جسدي بأوراق الشجر، مستلقياً في الظل. كنت أغفو ساكناً كنبته مريضة متعبة من أثقلها زُرّ وبرد أحمر. وتلك الجنوع حولي، ألم تكن كالعفاريت تراقب، بصمت وصبر، نومي المراهق؟ ما هذه الجرار القديمة تنطلق منها أصوات تناديني من الشرفة؟ ما جدوى كل ذلك الصراخ، يُفسد خميوط الهواء، ما دام ثمة مراسلون أكثر سرعة ونشاطاً، يُجيدون امتطاء الرياح؟ (سَيَقْطِف نومي، متى نضج، الشهوانية الدينية ذاتها، التي يقطف بها ثمر ما).

² Excerto da tradução para o árabe do capítulo 2 de Lavoura arcaica, Raduan Nassar, p. 11-12, publicado pela Revista Pessoa & Abu Dhabi Department of Culture and Tourism.







ENSAIOS





É bom ser infiel! É muito bom trair!

Publicado em <https://blog.editoratabla.com.br/e-bom-ser-infiel-e-muito-bom-trair/>

Falar sobre tradução literária é, em certa medida, repetir o que já foi e tem sido dito em todos os níveis, seja no acadêmico, em teses e teorias, ou em outros menos formais, ainda que reguladores, no que se refere a procedimentos, técnicas e atitudes em geral, objetivando seu emprego na prática.

É inevitável não fazer reelaborações, principalmente no tocante aos desafios, de várias naturezas, que o tradutor enfrenta toda vez que mergulha num texto e tenta dele sair vivo, embora, na maioria das vezes, sem fôlego e com uma estranha sensação que se alterna entre dois estados de espírito: a euforia e o desalento, tendo ainda a missão de trazer à superfície um novo texto, reescrito, recontado ou recriado em outra língua e para uma cultura diferente. Além disso, a certa altura, esse texto terá de ser exposto a outros olhos e submetido à manipulação de outras mãos (editores, preparadores, revisores e consultores), e nessa transição da esfera individual à coletiva, tradutor e texto são afastados.

Fazendo parte dessas reelaborações, comenta-se ainda sobre o que se deve, ou não, fazer para que se chegue a um “bom” resultado, como se mediar uma negociação entre todos os atores envolvidos (textos, línguas, culturas) fosse fácil e resultasse numa série de

critérios que pudessem ser classificados e descritos numa espécie de receituário. Todos sabemos que cada texto é mais de um, que uma língua tem vários rostos e que uma dada cultura é a manifestação de muitas, portanto lidar com tudo isso sem perdas nem decepções é quase impossível.

Tal multiplicidade de vozes, línguas e costumes grita mais alto quando falamos da tradução de textos árabes, textos produzidos num território que cruza mais de 20 países, estendendo-se ao longo de dois continentes, que abrigam diferentes costumes, tradições, etnias, confissões, etc. ou seja, uma diversidade cultural gigantesca unificada pela língua árabe, cujas manifestações se dão a partir de culturas mescladas e por meio de muitas tonalidades da mesma cor, respectivamente, os dialetos e a língua árabe padrão.

Mas, eu quero aqui falar da angústia do tradutor, da minha angústia como tradutora de obras de literatura árabe moderna; sentimento que me acompanha a cada texto, desde as primeiras tentativas de flerte. E ele logo se torna arredo, se rebela e me domina; me invade, me ocupa e me assombra fazendo com que nosso convívio seja realizado através de um longo diálogo – muitas vezes difícil, tenso, conflituoso, repleto de negociações – sempre em prol da tão almejada paz, esta que, não raro, acaba ficando no plano do desejo apenas. Assim, do cordel das dúvidas, pegarei algumas peças para compartilhar com vocês:

Como ajustar o tempo de um idioma como o árabe, que só conhece dois tempos/aspectos do verbo, a uma língua, como a portuguesa, que oferece um leque de possibilidades nos três tempos (presente, passado e futuro)? Aqui, todos nós que traduzimos do árabe somos desafiados, pois com apenas um "amei" ou um "amo", do árabe, temos de decidir se eu "amava", "amara", "amaria", ou, ainda, se quando "estou amando", na verdade, já não "teria amado"!

Como agir ao traduzir um universo cultural menos divulgado, ou ainda distante, mas não tanto, como é o árabe no Brasil?

Lançar mão de notas, que parecem desagradar mais aos editores do que aos leitores de um romance? Ao fazê-lo estaria eu menosprezando a capacidade do leitor de alcançar sozinho, e por seus meios, o significado deste ou daquele termo ou das expressões relacionados com contextos específicos menos conhecidos, sejam do campo religioso, histórico, sociocultural ou regional, como o jejum do *Ramadã* e o sacrífico do *Adha*; a admiração de *machalah* e o benzer de *issmallah*; o louvor de *sallallah* e a súplica de *inchalla*; a catástrofe da *Nakba* e a repetida dor da *Naksa*; a *abaya* que não é uma simples túnica e o *hijab* que é mais que um véu; o *tarbush* que não é só um chapéu de feltro, e a *kafiyya*, que não é um lenço que cobre a cabeça do homem do Oriente Médio; e quem disse que o *felah* é um simples camponês e o *fedai* é um combatente qualquer; o *xeique* e o *haji*,

nem sempre são homens santos, nem o *Jihad* é uma guerra santa, e nem a *zankha* é um fedor como outro qualquer? O que fazer? Agrupar tudo isso e arrolá-lo sob o título de “Nota de Tradução”, num texto objetivo que ainda possa conter esclarecimentos a respeito de certas escolhas e opções tradutórias? Enfim, ao recorrer a paratextos numa tradução, estaria eu como tradutora, admitindo minha derrota?

Como proteger um aldeão das montanhas do Líbano de se expressar com o sotaque caipira paulista, e o beduíno do deserto de adotar o jeito mineiro de falar, ou um camponês egípcio da pronúncia nordestina? Onde encontrar um “interior universal” que possa acomodar os vários “interiores” árabes e suas distintas manifestações dialetais, que geralmente são um traço importante para a garantia da verossimilhança dentro de uma narrativa?

Essas são apenas algumas das muitas dúvidas que me atormentam e, imagino, atormentam a maioria dos tradutores da língua árabe. E não posso deixar de mencionar a contínua ginástica, que todos os tradutores literários fazem durante o processo, passando de sua posição, para o lugar do autor e em seguida do leitor, tentando adivinhar as intenções do primeiro, e prever a recepção do segundo, e tudo sem deixar de ser “fiel” ao texto!

Ah, outro termo que queria evitar, mas ele insiste em participar e se impõe toda vez que se fala de tradução. Ser “fiel” ao texto na tradução. Que diabos

isso significa? Não participar, não acrescentar, não tirar, não mudar, não adaptar, não apagar, não reduzir? Em suma, ser invisível? E assim, toda vez que este ser atormentado, que é tradutor, se vê em um retiro solitário acompanhado de seus dicionários, anotações e fantasmas, o cordel que ele estende diante de seus olhos, e no qual pendura suas interpelações vai ficando mais cheio e novas peças vão sendo adicionadas a cada texto novo.

Contudo, esse estado de aflição, de questionamentos e de reflexão faz parte do ofício da tradução, arte que, como as outras, tem como jogo a enganação, jogo em que é tudo ou nada, onde o tradutor é também protagonista, comparsa do autor e sedutor do leitor. E foi neste sentido que Umberto Eco disse: "Traduzir é trair!"; dito esse que me remete a outro, do escritor, também italiano, Carlo Dossi: "As traduções de obras literárias ou são fiéis e só podem ser ruins, ou são boas e só podem ser infiéis." Portanto, companheiros de angústia, neste nosso ofício, melhor mesmo é ser traidor, ser infiel!

Querida mãe,

Publicado em <https://blog.editoratabla.com.br/querida-mae/>

Hoje, faz cinco meses que não saio de casa. Não, mãe, não se preocupe, não estou doente. É que estamos numa quarentena, você sabe como é isso, ficar com medo de sair de casa para não morrer, já vivemos uma guerra juntas, você se lembra, mãe, daquele dia, quando falaram que teríamos uma trégua de 24 horas, e por isso, deixamos o abrigo comunitário e fomos para nossa casa querendo ficar um pouco a sós, e eu te convenci a me deixar ir ao mercado para pegar alguns tomates e hortelã para fazermos tabule, porque desde pequena eu lhe dizia que o tabule cheira a verão e a vida, e você, nada dizia, apenas sorria. Eu fui num pé para voltar no outro, mas o bombardeio começou e tudo de que consegui depois me lembrar era que fiquei mil horas escondida atrás de caixotes de alface no mercado. Ai, minha mãe, ainda me lembro, eu consegui voltar, porém sem tomate nem hortelã, mas não te encontrei dentro da casa de portas escancaradas e feito louca corri para fora, dei a volta em torno da casa, temendo a qualquer momento ver um corpo estendido no chão. Mãe, eu gritava, ninguém respondia, apenas o eco do meu desespero. Eu sei, mãe, você não quer se lembrar disso, e na verdade nem eu, mas esta situação, mãe, a incerteza e a falta de perspectiva de hoje me transportaram àquele tempo, e também porque está

chovendo e sempre que chove aqui, eu sinto o cheiro da terra de lá. Mãe, eu preciso de seu peito, porto seguro do meu errar.

Querida mãe, não sou mais sua “passarinha que saltita”, nem aquela jovem com quem você gritou quando finalmente nos encontramos de novo no abrigo, após a terem resgatado e levado para lá, quando cheguei, e te vi, desesperada, puxando os cabelos e golpeando o peito porque achou que havia me perdido, que eu teria sido atingida por algum estilhaço e morrido no mercado. Mãe, naquele dia, nasceu um cabelo branco na minha cabeça, aos dezenove anos de idade. Sim, mãe, você gritou comigo: “Nunca mais, nunca mais sai de perto de mim”! É, mãe, eu sei que mais tarde, cientes que estávamos vivas e juntas, chegamos até a rir, talvez de nervoso, sei lá, mãe, as atrocidades das guerras levam sempre um pouco de nossa sanidade. Rimos de como você achou que eu tinha morrido e como eu achei que você tinha morrido, mas também naquela noite, dormimos abraçadas, indiferentes às bombas que devastavam o lá fora. Sabe, ontem mesmo lembrei disso quando resolvi cuidar das minhas poucas plantas que tenho no peitoril da janela, o único vestígio da natureza que ainda posso contemplar aqui dentro. Enquanto meus dedos reviravam a terra, lembrei daquele mesmo dia, quando me joguei no chão embaixo da figueira, onde avistei seu lenço largado ali, e comecei a arar a terra com meus dedos à procura de sangue, achei que teria sido atingida e levada por

alguém para algum lugar. Ai, mãe, não quero mais falar disso, quero lhe contar o que tenho feito todo esse tempo e como meu mundo se reduziu, ficou do tamanho do meu pequeno apartamento, ou melhor, como meu quarto acabou sendo o mundo.

Mãe, eu tenho lido muitos livros. Foi você quem me ensinou a gostar de ler. Noutro dia me peguei sentada na cama devorando um livro, exatamente como você fazia. Aliás, já não é de hoje que todos dizem que a cada dia que passa fico mais parecida com você. Sabe mãe, nesses cinco meses, eu quase não olhei no espelho, e não olho mais para fora quando abro a janela de manhã para arejar meu mundo, como se não existisse mais nada além do vidro da janela. Tudo bem, mãe, tudo bem, não fique triste, não estou deprimida, só um pouco desanimada. Dentro dos livros eu encontro mundos incríveis, amplos, têm céus azuis, peixes coloridos e histórias de amor, mesmo sem finais felizes, mas é assim, as verdadeiras histórias de amor nunca têm finais felizes, não é? E ontem à noite, eu cheguei a conhecer uma cidade que fica à beira mar, onde todos os habitantes tinham olhos azuis, comiam peixe todo dia e, de noitinha, cantavam para as ondas antes de irem dormir. Eu vou te contar, mãe, nos livros que tenho lido, tenho encontrado também muita dor e tenho sofrido muito e às vezes acho que estou ficando um tanto confusa, estou com medo de estar perdendo a razão.

Você deve se lembrar, mãe, de quando eu era

uma menininha, de tranças loiras e sardas no nariz, eu brincava de professora e meus alunos eram hortênsias sentadas em grandes latas de leite em pó; eu segurava uma varinha na mão e batia nesses meus alunos, quando não acertavam a resposta. Eu me lembro, mãe, que você colocava a cabeça para fora da janela e, sorrindo, me dizia para não bater nos alunos, *haram*, tadinhos, você lamentava! Lembra mãe, quando cresci mais um pouquinho e você me deixou soltar os cabelos e as sardas sumiram do meu rosto, eu lhe dizia confiante: “*mama*, você vai se orgulhar de mim, eu vou ser uma escritora”. E você, com seu sorriso sempre triste, me dizia: *Inchalla, ya mama!*

Mãe, como você bem sabe, sobrevivemos àquela guerra e partimos juntas. Aqui, depois de me casar, você me deixou e partiu sozinha, e depois veio outras vezes para me visitar, mas durante cada ausência tua, eu envelhecia mais um pouco. Mãe, sabe que meu cabelo está quase todo branco? Eu rio aqui sozinha, porque te ouço dizendo “de tanto estudar!” Não mãe, acho que é a idade mesmo, os dias varrem a cor aos poucos. Eu te falei, não sou mais sua “passarinha”, tenho na cara e na alma mais rugas que as linhas das páginas que leio.

Então, mãe, você sabe que virei mesmo professora de gente grande, mas talvez não saiba que agora, eu sou também escritora! Tenho certeza, mãe, que se pudesse ver meu nome nos livros, você ficaria muito orgulhosa. Na verdade, eu não sou

escritora, dessas que escrevem os próprios livros e os publicam ou não. Eu sou escritora de livros que os outros escrevem e publicam. Viu mãe, não falei que estou ficando confusa! Eu sou tradutora, mãe! Quer dizer eu leio, escrevo e sofro; ser tradutora é isso. Ai, mãe, se soubesse como é difícil reescrever as histórias das pessoas em outra língua. Pois é, mãe, eu sei, que você vai me dizer suspirando que teria sido bem mais fácil e melhor para mim, se tivesse tido filhos, que no mínimo seriam um alento na velhice. Já envelheci, mãe, e não tive filhos, mas eu leio e escrevo sobre alguns, e quando traduzo suas histórias, eu digo, ainda bem que não os tive, não há dentro de mim espaço para mais sofrimento.

Mãe, queria lhe contar sobre esse último livro que traduzi. Eu não gostaria que você lesse. É muito duro mãe, essas pessoas que foram expulsas de suas famílias e depois cuspidas por seus países. Eu sei, mãe, vai me repreender por ter dito "cuspidas", mas, mãe, elas foram "cuspidas"! Eu chorei muito, mãe, chorei com meus olhos e com os delas, chorei porque elas escreveram cartas cheias de aflição, de sonhos rasgados, de dignidades trituradas; confissões que eram para serem ouvidas, enviadas e recebidas, mas não foram.

Eu sei, mãe, que minha carta também não vai chegar, porque eu nem vou enviar, mas não carece, porque eu sempre te chamo quando preciso de seu peito para deitar minha cabeça e você sempre vem,

principalmente num dia como hoje. Hoje, o sol não saiu, e sei disso porque o arco-íris que se forma normalmente na parede quando os raios batem e se quebram no vaso de cristal que você me deu, não apareceu esta manhã.

Mãe, eu vou dobrar esta carta e guardar dentro do livro que lhe contei, assim, ela fará companhia às outras cartas e minha saudade se aninhará junto com as outras.

Sabe, mãe, o outro dia, quando eu estava tirando o pó dos livros, porque aqui tem muito pó e eu odeio pó, deixa tudo cinza e não gosto de cinza! Então, deixei derrubar um livro e dele caiu um pequeno cartão, com um desenho bonito de bolo e velas, abri, reconheci sua letra: "Desejo a você, minha passarinha colorida, feliz, feliz vida, *hayát saîda, saîda*". Pela data, mãe, eu tinha 22 anos. Já estamos em agosto e daqui a pouco, vai ser meu aniversário de novo, mas desta vez, de 58 anos.

Mãe, agora eu vou olhar no espelho para ver seu rosto no meu. E amanhã, quando abrir a janela, prometo espiar o céu, só para ver você sorrindo para mim.



CRONOLOGIA



Formação Acadêmica

1990 – Bacharel em Letras pela Universidade de São Paulo

1996 – Mestre em Linguística pela Universidade de São Paulo

2001 – Doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo

2009 – Pós-doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

2010 – Livre-docência no Departamento de Letras Orientais da FFLCH /USP

Experiência profissional

1992 – Iniciou sua carreira como professora na Universidade de São Paulo

Prêmios

2014 – Prêmio de Tradução, Academia Brasileira de Letras

2019 – Prêmio Internacional do Xeiq Hamad de Tradução e Entendimento Intercultural, Governo do Qatar

Traduções

Tradução do Árabe

Tradução (manuscritos/clássicos):

1999 – *O livro do tesouro de Alexandre (s/a)* –

publicado pela editora Vozes

2011 – *Hierarquia dos povos*, de Sáid Alandalusi –
publicado pela editora Amaral-Gurgel Editorial

2021 – *Os Miseráveis*, de Aljahiz publicado em formato
digital – acesso livre Sesc

Gramática

2007 – *Gramática do Árabe Moderno*, publicado pela
editora Globo

Ficção/poesia

2003 – *Miramar*, de Naguib Mahfuz, publicado pela
editora Berlendis&Vertecchia Editores

2004 – *Tempo de migrar para o norte*, de Tayeb Salih,
publicado pela editora Planeta

2006 – *Eu vi Ramallah*, de Mourid Barghouti, publicado
pela editora Casa da Palavra

2008 – *Porta do Sol*, de Elias Khoury, publicado pela
editora Record

2009 – *A prova do Mel*, de Salwa Al-Neimi, publicado
pela editora Objetiva

2012 – *Yalo*, de Elias Khoury, publicado pela editora
Record

2013 – *Chamado do Poente*, de Gamal Ghitany,
publicado pela editora Estação Liberdade

2013 – *E nós cobrimos seus olhos*, de Alaa Al Aswany,
publicado pela editora Companhia das Letras

2015 – *Azazel*, de Youssef Ziedan, publicado pela editora Record

2020 – *Damas da Lua*, de Jokha Alharthi, publicado pela editora Moinhos

2020 – *Correio noturno*, de Hoda Barakat, publicado pela editora Tabla

2021 – *Detalhe menor*, de Adania Shibli, publicado pela editora Todavia

2021 – *Arador das águas*, de Hoda Barakat, publicado pela editora Tabla

2021 – *Memória para o esquecimento*, de Mahmud Darwich, publicado pela editora Tabla

2022 – *Gaza terra da poesia* (participação da tradução e coedição), (Vários) publicado pela editora Tabla

2022 – *Meu nome é Adam* (1º. volume da trilogia *Crianças do gueto*), de Elias Khoury publicado pela editora Tabla

2023 – *A família que devorou seus homens*, de Dima Wannu, publicado pela editora Tabla

2023 – *Homens ao Sol*, de Ghassan Kanafani, publicado pela editora Tabla

No prelo

A morte do Imã, de Nawal Saadawi, publicação prevista para outubro de 2023

Estrela do mar (2º. volume da trilogia *Crianças do gueto*), de Elias Khoury, publicação prevista para

novembro de 2023

Quadrinhos/bilíngue

2022 – *Eu e o isolamento / Ana wal-Uzla* – vários autores publicado pela editora Tosh Fesh

Infantil/bilíngue

2017 – *Senhor Chacal, noite do galo / Addib wal-dik*, de Elissa Khoury Daher publicado pela editora Biruta

Poesia/bilíngue

2022 – *Céu em Chamas*, de Marco Lucchesi, organização e tradução para o árabe

Tradução do Português

2002 – *Chaqiqan / Dois irmãos*, de Milton Hatoum, publicado pela editora Dar Al-Farabi e em 2022 (nova edição, pela Editora Al-karmel-Verlag), 2016 - *Suqrat wa Thomas Mor / Sócrates e Thomas More, correspondências imaginárias.*

2019 – *Alhayát alkhafiyya / A vida invisível de Eurídice Gusmão*, de Martha Batalha, publicado pela editora Dar-Adab.

2019 – *Min Almahtar ila Alwatan / Da diáspora para a terra natal*, publicado pelo Projeto Çalima, Abu-Dhabi

2023 – *Má' hayy / Água Viva*, de Clarice Lispector, publicado pela editora Dar Al-Adab.

No prelo – *Qariban min alqalb almutawahich / Perto do coração selvagem* (previsão de publicação janeiro 2024)

OUTRAS TRADUÇÕES (CONTOS ARTIGOS, POEMAS) INDIVIDUAIS OU COM OUTROS AUTORES

Individuais

2001 – “Ta’amulat fi rihlatin bila niháya”. Revista Sotour e na revista Nizwa, no mesmo ano. (Tradução de um conto de Milton Hatoum para o árabe)

2002 – “Tempo de migrar para a liberdade: maio, 2002”, de Laura Macdessi. Em Revista (n.t.) (Capítulo de Livro)

2013 – “Em Jerusalém”, de Tamim Bargouti, Jornal O Globo. (Poema)

2013 – “Sobre a língua árabe, pelo poeta sírio Adonis”, de Adonis, Folha de São Paulo. (Depoimento)

2016 – “Profecias”, de Tamim Bargouti, em Revista (n.t.). (Três poemas)

2018 – “Trilogia da espera”, de Mahmud Darwich, em Revista (n.t.). (Três poemas)

2020 – “Estilhaços e espelhos”, de Nafiz Abu Hasna. Em Revista (n.t.). (Capítulo de Livro)

2021 – “O pequeno imigrante” de Elias Khoury, blog da editora Tabla. (Crônica)

2022 – “Seca e Verde”, de Nisrine Khoury, em Lumbung – contos de mutirão. Editora Dublense (Conto)

Publicações com Mamede Jarouche

1993 – “Sublime entrevista”. Revista de Estudos Árabes (Conto)

1993 – “Palestino e americano, Said defende pluralismo”, Folha de São Paulo (Artigo)

1994 – “O Quarto número 12”, de Naguib Mahfuz Magma (Conto)

1998 – “A história desconhecida de Sinbad, o marujo”, Magma (Artigo)

1999 – “Balança de Traduções e Dominação Linguística”. Cadernos de Literatura em Tradução (Artigo)

Publicações com Michel Sleiman

2001 – *Ulisses* (James Joyce) Fragmento do 13º. Episódio (Nausicaa). Trecho de Nausica, em árabe. São Paulo: Olávobras/ABEI (Excerto)

2003 – JANE-LOYSE TISSIER. SESC / Associação Cultural Videobrasil (Livreto)

2010– “O longo inverno de Rita”, Revista Teresa (Poema)

2020 – “Um campo de estudos em formação”, Revista

Criação e Crítica (artigo)

2020 – “Mão na massa! À prática da tradução coletiva”, Revista Criação e Crítica (artigo)

Com Mustafá Yazbek

1997 – *Não apaguem esta Chama*, de Emile Habibi, Imago, 1997. (Capítulo de livro).

Com Felipe Benjamin Francisco

2021 – “A volta dos filhos não pródigos”, de Hoda Barakat, blog da editora Tabla. (Crônica)

Com Adriano Abridgiano, Felipe Benjamin Francisco e Julia Rodrigues

2016 – “O Tapete Persa”, de Hanan Al-Shaykh. Revista Tiraz. (Conto)





Safa Jubran Entrevista foi composto nas fontes Avenir e Copperplate, impresso sobre os papéis Supremo 250 gramas e Avena 80 gramas, com tiragem de 500 exemplares para a Editora Medusa, em Curitiba, Paraná, Brasil, na primavera de 2023.